

O espaço doméstico como lugar de violência inter-gêneros

Isabel Dias

1. Nota introdutória

A presente comunicação foi apresentada nas XI Noites de Sociologia da F.L.U.R., que no dia 5 de Abril de 2000 foram dedicadas ao tema *Género: do espaço doméstico ao trabalho*. No sentido de uma maior aproximação ao tema original desta sessão, optou-se por tratar "o espaço doméstico enquanto lugar de violência inter-gêneros". Dando uma ênfase particular a esta última dimensão avançou-se, em primeiro lugar, com uma reflexão sobre o carácter "paradoxal" da família moderna.

2. A (des)construção da família como lugar isento de violência

A violência doméstica não constitui um fenómeno novo, nem tão pouco é exclusiva da família moderna. Na sociedade tradicional, por exemplo, a prevalência do sistema patriarcal concedia ao chefe de família o direito e o poder absoluto sobre as mulheres e os filhos garantindo-se, deste modo, a estabilidade doméstica¹.

Apesar de a família ter caminhado no sentido da sua sentimentalização, a violência doméstica não foi imediatamente reconhecida como um comportamento anómalo e, portanto, como um problema social. Pelo contrário, permaneceu em silêncio, em parte, devido à pressão da ideologia romântica e à expansão de uma nova conceptualização do espaço doméstico que passou a ser considerado,

¹ Cf. Thomas P. Gullota e Outros, "Of Dickens, Twain, and Violence", in Robert L. Hampton e Outros (eds.), *Preventing Violence in America*, Thousand Oaks, Califórnia, Sage Publications, 1996, p.6.

primeiro para a burguesia e as classes médias e só em meados do século XIX para a classe operária, como um espaço caloroso, de companheirismo e de realização afectiva². A violência torna-se, então, inadequada e impensável no quadro da família moderna, podendo o seu reconhecimento como um problema social grave, que persiste ao longo dos tempos, colocar em causa o "mito da família idealizada" e, portanto, a centralidade do amor romântico³. Assim, e contrariamente ao que sucedia na família dita tradicional em que a violência não só era natural como incontestável, na modernidade ela emerge como uma espécie de "tabu".

Independentemente desta condição, a realidade mostra-nos que muitas famílias, cuja base de constituição foi o amor romântico, desenvolvem inúmeros conflitos e situações de abuso de poder, emergindo o lar como um espaço de violência, tal como demonstram os seguintes dados:

- Nos Estados Unidos da América⁴, de acordo com o *National on Child Abuse*, por ano, cerca de 1000 000 de crianças são vítimas de maus tratos e de negligência⁵.

- No mesmo país, aproximadamente 2 milhões de mulheres são agredidas por ano⁶ e cerca de 1093 560 de idosos são vítimas de maus tratos e de negligência⁷.

Em Portugal, os dados disponíveis revelam-nos que a violência doméstica caminha para uma visibilidade crescente, designadamente:

- A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 1996 efectuou, a nível nacional, 2269 atendimentos relacionados com a violência doméstica; entre Janeiro e Outubro de 1997 recebeu 2164 pedidos de apoio; enquanto em 1998 no mesmo período atendeu 2970 casos⁸.

² Consultar Jean Kellerhals e Outros, *Microsociologia da Família*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1989.

³ Mildred Daley Pagelow, *Family Violence*, New York, Praeger Publishers, 1984, p.12.

⁴ É importante lembrar que estes dados devem ter sempre como referência os respectivos contextos sociais, geográficos e temporais, mas também necessitam de ser interpretados à luz dos procedimentos metodológicos subjacentes à sua recolha e análise.

⁵ Mildred Daley Pagelow, *Family Violence*, New York, Praeger Publishers, 1984, p.49.

⁶ Edward W. Gondolf; Ellen R. Fischer, "Wife battering", in Robert T. Ammerman, Michel Hersen (eds.), *Case Studies of Family Violence*, New York, Plenum Press, 1993, p.273.

⁷ Rosalie Wolf; Edward R. McCarthy, "Elder Abuse", in Robert T. Ammerman, Michel Hersen (eds.), *Case Studies of Family Violence*, New York, Plenum Press, 1993, p.359.

⁸ *Correio da Manhã*, 14/12/1998, p.6.

- Durante o ano 2000 a PSP e a GNR contabilizaram um total de 11 765 casos de violência doméstica no país. Foi no distrito do Porto que se registou uma maior ocorrência, nomeadamente a GNR recebeu 725 denúncias (mais 25% do que em 1999) e a PSP 1803 (mais 84% do que no ano anterior)⁹.

O que se pretende então mostrar é que na família moderna coexistem a dimensão expressiva e a dimensão violenta. E é precisamente nesta ambivalência que reside o seu carácter paradoxal. Assim a família, para além de ser um espaço de afectividade e de autenticidade, pode constituir igualmente um espaço de opressão e de violência sobre os seus membros. Neste âmbito, o género surge como uma variável particularmente relevante não só para a interpretação deste fenómeno, mas também para a discriminação das práticas violentas.

3. Género e violência doméstica

"A partir do momento em que a variável sexo é conceptualizada enquanto categoria social, o objecto de análise já não são as diferenças entre homens e mulheres"¹⁰, mas o pensamento social sobre a diferenciação entre o masculino e o feminino. O que se reveste de particular relevância na análise da violência doméstica, na medida em que, mais do que explicar as diferenças ao nível das percepções e práticas de violência em função de "personalidades" ou "expectativas" masculinas e femininas distintas; importa considerar o referido pensamento social enquanto ideologia colectiva constantemente actualizada e operacionalizada nas relações inter-géneros.

Não obstante esta advertência, importa referir que foram principalmente as perspectivas feministas que se centraram nas diferenças de género na família. Estas passaram a ser encaradas não só como um caso particular de divisão do trabalho doméstico, mas também como uma divisão fundamental na família. De acordo com aquelas perspectivas, as nossas sociedades estão estruturadas com base no género, por essa razão, o homem exerce poder sobre a mulher. Como classe dominante, aquele tem acesso diferencial a recursos materiais e simbólicos importantes, enquanto a mulher possui um estatuto social secundário e desvalorizado. Apesar de admitirem a importância das diferenças étnicas e de classe, as perspectivas feministas consideram que os homens usam potencialmente a violência como um meio de subordinação da mulher, ou seja, como um meio de

⁹ *Comércio do Porto*, 1 de Abril de 2001, p.4.

¹⁰ Lúcia Amâncio, *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp. 28-29.

controlo social. Assim a violência que vitima muitas mulheres não só afecta as suas vidas, como reforça a sua passividade e dependência em relação ao homem. Em suma, para aquelas perspectivas, na origem da violência doméstica encontram-se as desigualdades de género, mas também todas aquelas que são intergeracionalmente transmitidas¹¹.

Para além de variável explicativa, o género permite-nos também classificar as práticas de violência e identificar as vítimas e os agressores. A evidência empírica disponível no nosso país, tem-nos revelado, por exemplo, que aqueles são maioritariamente homens e que as vítimas são sobretudo mulheres (com 25 anos e mais em ambos os casos); e que estas são principalmente vítimas de crimes contra a integridade física, a liberdade pessoal e contra a honra¹². Mostraram, ainda, que entre a vítima e o agressor existe uma relação de grande proximidade: são os (ex)cônjuges ou (ex)companheiros os principais perpetradores de violência, seguidos por outros parentes consanguíneos ou por aliança¹³.

Resta-nos concluir que, também, na nossa sociedade a família ganha cada vez mais visibilidade enquanto grupo social violento e que os actos violentos são infligidos entre pessoas que estão ligadas por laços de intimidade e de grande proximidade relacional. Apesar do lar continuar a ser idealizado como um lugar feliz e seguro, a violência encontra no espaço doméstico um lugar privilegiado de concretização e afecta particularmente o género feminino, para além das crianças e dos idosos.

¹¹ R. Emerson Dobash; Russel P. Dobash, *Violence against wives. A case against the patriarchy*, New York, The Free Press, 1979, p. 179.

¹² Cf. "Violência Doméstica - Primeiro Relatório Nacional", MAI, 1999. De acordo com a Linha Verde da CIDM entre 12/11/1998 e 31/12/1999 das mulheres que recorreram a este serviço, 2126 foram vítimas de violência física, 839 de violência psíquica e 142 de violência sexual.

¹³ Idem.